



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

O NOVELO DA MEMÓRIA

Ana Selma Barbosa Cunha

Resumo

Este artigo desenrola o novelo da memória de uma contadora de histórias, ofício desenvolvido por ela há mais de uma década na cidade de Belém. O desenrolar do novelo conta vivências da autora como contadora de histórias, o fio da meada da experiência que a levou a narrar. Ela percorre as linhas que teceram o tapete de sua vida e apresenta como se deu o processo para se tornar uma contadora histórias: o tapete precisou da contribuição de várias outras pessoas para que ser tecido e reconstituído, pois a memória individual se fez pelo encontro de muitas memórias, como discute Maurice Halbwachs (2006).

Palavras-chave: Memória. Contar Histórias. Vivências

Abstract

This article unfolds the story of a storyteller's memory, a craft developed by her for more than a decade in the city of Belém. The story unfolds the storyteller's experiences as a storyteller, the thread of the experience that led her to to narrate She walks the lines that have carpet-fabricated her life and presents the process to become a storyteller: the carpet needed the contribution of several other people to be woven and reconstituted, as the individual memory was made by the encounter of many

memories, as discussed by Maurice Halbwachs (2006).

Keywords: Memory. Storytelling. Experiences

Desenrolando o fio da memória

A primeira vez em desenrolei o novelo de minha memória, buscando encontrar o momento em que as histórias entraram em minha vida, foi em 2013 quando recebi o convite de Fábio Medeiros, para enviar um relato de minha experiência como contadora de histórias para integrar o livro “Contaçon de histórias: Tradição Poéticas e interfaces”¹.

Nesta busca, em que julguei ter encontrado o fio da meada de minhas memórias sobre o encontro com as narrativas, recordei-me de que, em meados dos anos 80, em que eu e minha família mudamos para Itaituba, município pertencente à Mesorregião do Sudoeste paraense, na ocasião da construção do texto sobre este período relatei:

Lembro-me de estar deitada em uma rede durante a sesta e, em outra, meu pai, meu contador de histórias particular, narrando-me de memória um cordel com uma história de trancoso. Meu pai é piauiense e “história de trancoso” é uma expressão frequente na linguagem popular nordestina para denominar histórias de encantamento ou fantásticas, nas quais, geralmente a personagem principal consegue, por meio da inteligência e da astúcia, resolver problemas extremamente complexos (CUNHA, 2015, 452-53).

Meu pai, um piauiense falador, sempre foi sisudo e não era chegado a muitas demonstrações de carinho, mas em Itaituba vivemos momentos de afeto tecidos pelas narrativas, assim pude aproximar-me mais dele e da cultura nordestina de maneira bastante intensa e no embalo das redes, que deitávamos após o almoço, meu pai alimentou-me de palavras.

Talvez por ter sido o período em que fiquei mais próxima de meu pai minha memória me apresentava este período como sendo o meu primeiro encontro com as narrativas.

Acontece, que nas histórias sempre tem um mas ...

Mas acontece que depois de alguns reencontros com pessoas as quais convivi na infância e longas conversas com meu pai e minha mãe, pude ir juntando mais retalhos aos retalhos das memórias de que dispunha e assim fui refazendo minha própria memória.

Maurice Halbwachs (2006) afirma que as lembranças surgem, por meio do jogo invisível de forças psicológicas inconscientes, ressaltando-se que a maior influência que recebemos para lembrar são de fatores externos a nós. E esta influência do meio social se dá como um ato involuntário. Vivenciariamos então, vários estados, aos quais o autor denomina de intuições sensíveis, quando muitas correntes sociais se cruzam e se chocam em nossa consciência.

As lembranças estão dispersas, externas à nossa vontade, entre os ambientes que circulamos e são as forças que as fazem

1 Publicado em 2015 pela Editora Sesc São Paulo. Esta publicação traz artigos de contadores de histórias de vários lugares do Brasil, assim como relatos de experiências de vários contadores.

reaparecer (HALBWACHS, 2006, p. 57). Não basta reconstituir a imagem de um acontecimento passado, pedaço por pedaço, para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Assim, quando reencontrei pessoas da infância, foi como se um clarão se fizesse e conseguisse acessar o período do final da década de setenta quando, recém-chegada em Belém, vinda do Maranhão, ainda muito pequena, recordo o primeiro contato que tive com uma personagem do imaginário amazônico. A rua estava vazia e alguns segundos depois, ela apareceu no começo da rua, eu quis fechar a janela, mas a mão da curiosidade não permitiu e então pude olhar para ela. Sim, eu a vi!

Ela era negra, magra, estatura mediana, meia idade, cabelos desgrenhados, roupas sujas, um saco de sarapilheira em uma das mãos, que barulhava o som de latas vazias e a mulher por vezes abria a boca do saco e falava coisas inaudíveis olhando para dentro dele, mas quando meus olhos estavam a procura de ver os seus pés (claro, pois eu queria confirmar se eram de pato!), eu percebi que ela também me olhava e nos segundos deste encontro algo aconteceu que não sei dizer...

Pelo menos não soube durante algum tempo. Sei dizer que foi assim que olhei nos olhos de uma Matinta Pereira pela primeira vez! Guardei esta experiência em minha memória e lá ela adormeceu, nas areias do fundo rio de minha memória.

No final da década de 80, na transição da infância para a adolescência, vivia um dilema: ser maranhense ou paraense? Qual cultura deveria amar? Da terra onde nasci ou da terra que me via crescer?

Um dia, o professor da disciplina de Literatura Paraense, da Escola Municipal Manuela Freitas, onde concluí o Primeiro Grau, à época entregou à turma o livro da Coleção Texto e Pretexto², um livro que trazia a Literatura paraense, como fio condutor.

Fiquei encantada pelos textos, pelas poesias, conheci autores como Dalcídio Jurandir, João de Jesus Paes Loureiro e Rui Paranatinga Barata, deste em especial, recordo como se fosse hoje um dos meus poemas favoritos: “Esse rio é minha rua”, depois que o li nunca mais olhei da mesma forma para os rios de Belém e eu, maranhense de nascimento, mas que me sentia confusa por não me ver mais como nordestina e sim como nortista, paraense,

"Texto e Pretexto: experiência de educação contextualizada a partir da Literatura feita por autores paraenses"(1988) livro composto de 4 vol. para os alunos de 5ª a 8ª série do 1º grau da rede municipal de ensino, de autoria de Josebel Fares, Josse Fares, Paulo Nunes, Rei Vinas.

2 Para saber mais sobre a experiência com a coleção “Texto e Pretexto”, indica-se dissertação de ALMEIDA, Eliana Pires de. “O lugar dos saberes amazônicos no ensino da disciplina Literatura”. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) defendida na Universidade do Estado do Pará, Belém – Pará, 2012.

fui me sentido cada vez mais pertencente à cultura destas terras paraouaras.

Por meio dos textos que li naqueles anos finais do Ensino Fundamental, por meio da Literatura, compreendi-me amazônida, banhada de rio e vivente da floresta, e isto não era errado, não me fazia renegar minhas origens em detrimento ao amor cada vez mais forte por esta terra que me acolheu. A Literatura me deu uma identidade.

Na década de 90, ao ingressar no então Segundo Grau na Escola Estadual Deodoro de Mendonça, fui aluna do poeta Paulo Nunes e de sua esposa Josse Fares e durante as aulas de Literatura proferidas por eles ouvi narrativas cheias de poesia, beleza e encantamento. Suas aulas eram por mim muito esperadas, pois nesses momentos meu imaginário se encharcava da palavra poética. Momentos que ficaram em minha memória e fizeram crescer em mim o desejo de ser professora, para quem sabe, poder fazer por meus alunos o que aquelas vivências com a Literatura me proporcionaram.

Busquei então o curso de Licenciatura em Pedagogia (de 1994 até 1999) e ali pude reafirmar meu desejo em ser professora. Foram anos de aprendizado e paixão que se fortaleceram com a disciplina Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, ministrada pela professora Selma Pena que apresentou à turma a autora Fanny Abramovich e seu livro *Literatura Infantil: Gostosuras e bobices*.

Este livro me encantou por apresentar o universo brincante das palavras, textos cheios de ludicidade e encantamento e aprendi,

principalmente, que tudo o que se pensar em oferecer às crianças deve ser feito com muito cuidado e respeito, pois a Literatura Infantil não é uma literatura menor e tem a grande missão de conquistar leitores para o resto da vida.

Em 2002, um momento tornou-se um divisor de águas em minha vida: quando ouvi a professora Ana Cristina Ramos, na Escola Municipal Terezinha Souza, narrar o conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector. Foi um momento de arrebatamento inexplicável que se deu, fui levada literalmente, para dentro daquela história tal era a verdade com a qual Ana Cristina a narrava. Ao final do conto converte-se em pranto toda a emoção que senti naquele momento.

Ana Cristina, professora, amante da Literatura, sua autora de grande estima é Clarice Lispector. Ana é uma professora-contadora de histórias, encantadora de pessoas por meio da palavra. Fui “mundiada” por ela, encantada e conduzida ao mundo das narrativas.

A partir da experiência de ouvir com Ana Cristina, revivi o gosto das tardes enoveladas de poesia nas aulas de Literatura na escola Deodoro de Mendonça e minha memória foi mais longe ainda ao buscar os momentos em que meu pai, meu contador de histórias particular, narrava histórias de Trancoso e as narrativas versadas nos cordéis que ele trazia de cor. Indo mais fundo ainda em minha memória pude, então, entender o que a Matinta da minha infância me disse no olhar que trocamos: “Conte esta história!”.

O prazer ressurgido a partir de cada um desses momentos despertou o desejo de me comunicar com as pessoas por meio das narrativas, apresentar possibilidades múltiplas de sonhos, conduzir os ouvintes a revisitar lugares da memória e de suas emoções, desde então passei a contar histórias.

Em meu caminhar fui procurando construir meu “eu” como contadora de histórias, descobri que os contos tradicionais me motivavam muito, que ouvindo histórias me constituía como narradora. Aprendi que é necessário ouvir muito, deixar-se conduzir pela narrativa, experienciar o ouvir para depois contar.

Estudei sobre a arte da narrativa, fiz cursos, ouvi muitos contadores narrarem suas histórias de vida e as que traziam na memória, tive o presente de ouvir e conviver com grandes mestres contadores e histórias como Celso Sisto, Cléo Bussato, Regina Machado, Francisco Gregório entre outros.

Contei histórias em grupo: primeiro foi o Grupo de contadores da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), depois este grupo desligou-se da secretaria e tornou-se o *Ayvu Rapyta*, grupo com o qual vivi muitas experiências maravilhosas no exercício de narrar durante mais ou menos oito anos.

Com o *Ayvu* vivi a experiência de narrar para muita gente, nos apresentamos em feiras de livros, eventos acadêmicos, praças, escolas, eventos particulares, enfim, posso afirmar que eram experiências de profissionalização do ato de narrar. Até que um dia tomei a decisão de sair do grupo, precisava revisitar meus lugares internos, imagens, memórias, reencontrar cores,

cheiros, sentimentos e sensações que me fizessem voltar ao ato ancestral do contar.

Walter Benjamin (1987) fala da importância das experiências repassadas por meio das narrativas quando mostra sua preocupação com a morte da narrativa:

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1987, p. 114).

Para Benjamin, com a morte do narrador, deixar-se-ia de ensinar pela experiência, sendo esta uma das contribuições de um narrador, que utiliza o instrumental de seus sentimentos, sensações e vivências, além da observação do mundo e das pessoas, para levar a verdade da narrativa, atravessada por sua experiência para o ouvinte.

Ouvi, certa vez, da pesquisadora de narrativas da tradição oral e contadora de histórias, Regina Machado, em uma roda de conversa, que as histórias contribuem para a ampliação do repertório de imagens internas do ser humano. Isso possibilita experiências muito profundas por meio da escuta conduzida pela voz do narrador: experiências de amor, de sofrimento, raiva e etc.

Assim, o contador ou contadora de histórias, convida o ouvinte a viver a história narrada e, se este convite é aceito, o ouvinte se permite experimentar o vivido na e pela

narrativa, para quem sabe um dia utilizar, ou não, aquela experiência seguirá com ele para toda a vida.

Por falar em experiência, as vividas por mim, nos encontros com as mais diversas narrativas, fizeram crescer o desejo de partilhar com os meus pares a beleza, que elas, as histórias, me possibilitaram ver e sentir. Assim, professora que sou, iniciei a partilha com meus alunos, e sigo contando um pouco desta experiência.

Sobre a experiência de contar histórias na sala de aula...

Por compreender a importância da interação mediada pelas narrativas, sua contribuição para as relações humanas e por entender que os laços criados entre narrador e ouvinte são muito fortes, assumi que passaria a ser uma professora-contadora de histórias. Comecei a contar histórias para meus alunos por desejar estabelecer com eles um vínculo para além do pedagógico, tendo a consciência de que o narrar histórias em sala de aula não se tratava de uma mera ferramenta didática, mas sim da possibilidade de exercício de humanidade. Regina Machado (2004, p. 28), sobre o ato de narrar histórias para crianças na escola, afirma que:

Do ponto de vista pedagógico, no trabalho com as crianças, acredito que o importante não querer saber qual o efeito que os contos tradicionais exercem sobre cada criança, ou mesmo querer “produzir tal efeito” e sim entender que para cada uma delas aquela história traz a oportunidade de organizar suas

imagens internas em uma forma que faz sentido para ela naquele momento.

O vínculo criado é carregado de sentidos, significados e ressignificações que vão para além do que é percebido, com os se estabelece uma cumplicidade que contribui sobremaneira no processo de ensino e aprendizagem. De forma particular, cito o exemplo de uma turma de alfabetização na qual o fazer pedagógico foi permeado pelas poéticas da oralidade: literatura oral e escrita, poemas, cantigas, brincadeiras cantadas e tantas outras gostosuras que o ato de aprender a ler veio como consequência, sem sofrimentos.

O narrar histórias em sala de aula me trouxe, também, a possibilidade de trabalhar a autoestima dos alunos que estava seriamente comprometida devido à dificuldade de aprendizagem. Com este ato de contar, surgiu a oportunidade de os alunos superarem as dificuldades e se sentirem capazes de superar as dificuldade como qualquer outra criança.

Certa vez um aluno, já adolescente, ao se dar conta de que tinha de fato, aprendido a ler, pediu-me para levar para casa o livro que eu havia lido para a turma e que tinha despertado nele o desejo de ler. Depois me contou que tinha lido para várias pessoas da família. Era necessário mostrar a todos, mas precisava ser aquele livro, seu porto seguro. Regina Machado (2004, p. 28) ressalta que quando a criança ouve uma história:

É como se ela pudesse passear pelo reino das possibilidades de significar, reinventando para si

mesma a sua história naquele momento. E esse passeio pode ensinar sobre a aventura humana no domínio do imaginário. É como se ela pudesse se instrumentar para um tipo de experiência interna familiar, mas que não pode ser explicada pelos modos habitualmente conhecidos.

As histórias contribuem para que os alunos, crianças ou adolescentes consigam ultrapassar os obstáculos, vencer os conflitos internos, tal qual o sultão na história das Mil e uma noites, e encarar a realidade fortalecidos.

Outra lembrança muito forte que guardo dos momentos em que narrei histórias em sala de aula foi quando percebi alguns alunos com conduta discriminatória em relação a uma colega de classe e precisei intervir junto à turma. Ela era extremamente tímida, encolhida, tentando parecer invisível, e devido aquela atitude dos colegas, conversei com eles que prometeram parar com aquele tratamento, mas ela, a menina, continuava recolhida e triste.

Lembrei-me da história *Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado, em que a personagem da história é descrita em sua negritude de forma tão bela, que eu sentia que poderia ajudar a melhorar a autoestima daquela menina. Estudei a história, preparei e narrei a história para a turma e não pude deixar de perceber como a aluna parecia crescer, literalmente, diante de todos.

No dia seguinte, a aluna entrou na sala sorridente e com os cabelos cheios de tranças enfeitadas, com laços de fitas coloridas e em coro os colegas disseram: “Olha, professora! A menina bonita do laço de fita da história que senhora contou!” A menina não cabia em si de

uma alegria radiante que a deixou mais linda do que ela já era. Confesso que não segurei as lágrimas quando ela veio e me deu um abraço silencioso que me disse muito. O que não faltam são histórias que as histórias me proporcionaram nestes anos em que percorro o caminho do contar histórias em sala de aula.

Em 2008, assumi a sala de leitura da Escola Municipal Nestor Nonato de Lima, situada na periferia de Belém, onde atuei por alguns anos como professora e pude vivenciar o poder de gerar afeto que a contação de histórias possui. Desde a primeira história narrada estabeleceu-se, entre a professora/contadora de histórias e os alunos/ouvintes, uma linguagem própria permeada de símbolos despertados pelas palavras.

Contei muitas histórias para centenas de crianças juntas, sentadas, deitadas e de olhos, ouvidos e coração abertos para ouvir. Alguém, um dia, me perguntou: como eu conseguia fazer aquilo, mais de cem crianças prestando atenção, ligadas em mim? Eu respondi que o poder não era meu, aquele era o poder das histórias, o poder da Palavra.

Em 2012 assumi a direção da Escola Estadual Amazonas de Figueiredo, onde atuo até os dias de hoje, e, claro, dentre ações que se faziam necessárias à prática de uma diretora, acrescentei mais uma: a de contar histórias para os alunos em momentos os mais diversos possíveis e ouvi várias vezes com o coração cheio de orgulho, as crianças comentarem de minha aproximação, não com temor, mas com expectativa: “lá vem a diretora, será que ela vai contar uma história?”

O fio ainda sendo tecido...

Hoje, sigo contando histórias para o meu filho, para os filhos de outros, para os próximos e para os que vêm de longe. Conto em escolas, praças, livrarias, faculdades, embaixo de uma árvore com o vento levando a minha voz... Conto onde o sopro de vida que sai dos meus pulmões e passa pelo meu coração possa encontrar-se com ouvidos generosos dispostos a ouvir.

Retribuo com ato de narrar toda a gratidão que trago em meu coração. As histórias me curaram, ajudam-me na busca por ser uma pessoa melhor, que ainda prossegue, e, claro, me fazem mais humana e me mantêm acreditando na beleza partilhada por meio da Palavra.

Ao narrar procuro sempre olhar nos olhos dos meus irmãos e irmãs que a vida, caprichosamente, alinhavou e nos uniu num único tapete belo e tão ricamente bordado. Contar histórias não é apenas proferir palavras bonitas, contar histórias é ter ciência da importância do outro; contar histórias é partilha, é comunhão e, acima de tudo é encontro. Ao sair narrando fiz tantos amigos, fios preciosos que procuro ter cuidado para não deixar desmanchar.

E chego ao fio da meada compreendendo que não é o final, que contar histórias apontam para um tecer contínuo, e que as histórias, assim como nos contos das “Mil e

uma noites”, precisam ser contadas, sempre e sempre para que possamos nos manter vivos a cada amanhecer.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Experiência e pobreza** In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

CUNHA, Ana Selma Barbosa. **Procurando o fio da meada: o encontro entre o contador e o desejo de contar.** In *Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces.* MEDEIROS, Fábio Henrique Medeiros e MORAES, Taiza Mara Rauem. (Orgs.). São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** Trad. Beatriz Sideau. São Paulo. Centauro, 2006.

MACHADO, R. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne. A. **A Palavra do Contador de Histórias: sua Dimensão Educativa na Contemporaneidade.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz de Pochat, Maria Inês de Almeida – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Ana Selma Cunha - anaselmacunha@gmail.com
Licenciada Plena em Pedagogia (UFPA/1999), especialista em Psicologia Escolar com ênfase em Psicopedagogia (UEPA/2003), especialista em Gestão Escolar (UFPA/2014). Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC-Unama). Servidora concursada das redes Municipal (desde 2002) e Estadual (desde 2008) de Ensino. Contadora de histórias (desde 2004) e Integrante da Rede Internacional de Contadores de Histórias (RIC/ desde 2012), membro co-fundador do Movimento de Contadores de histórias da Amazônia. Realiza formações de profissionais nos seguintes temas: Contar histórias, formação de leitores e práticas de letramento.